CONHEÇA AS

FICÇÕES AFROFUTURISTAS

DE ALE SANTOS

Leia um trecho de

O último ancestral

OBAMBO

O vento frio tocava os prédios, o entorno era silencioso. Os vidros escuros por fora seguravam a explosão de luzes acesas dentro de cada casa e apenas refletiam as estrelas; as Três Marias brilhavam como nunca, marcando a constelação de Orion. A quietude das ruas era rompida pela batida sincopada estourando das caixas de som de um Black Cougar, último modelo entre os ricaços, com bateria e gerador elétrico que poderiam iluminar toda a periferia. A máquina atingia mais de trezentos quilômetros por hora, cortando o meio do antigo Sambódromo vazio.

— A rua é nóis, vagabundo. Aumenta saporra aê. Cê é foda mesmo, Eliah! — disse Zero do outro lado da conexão, na esperança de que suas palavras trouxessem mais rapidamente seu novo brinquedo.

Dentro do carro, o suor já havia secado. “Tenho algumas horas de vantagem, fiz o trabalho direito”, pensou Eliah. Estava curtindo o momento, sentindo o carro flutuar com sua velocidade e seu sistema magnético. Ficou imaginando como devia ser aquele lugar antes de os Cygens, os Cybergenizados, dominarem de vez a cena. Escolas de samba incendiando o solo, suas alegorias projetando imagens no céu, exibindo enormes hologramas, personagens históricos assistidos por todo o Distrito, seus tambores, tamborins e cavaquinhos ecoando pelos sete cantos. As arquibancadas tomadas por um êxtase absurdo. Por horas, todos deixando de lado o clima de competição entre as escolas e se esbaldando na sensação quase divina que o Carnaval proporcionava. Não tinha sobrado mais nada.

Com os faróis apagados, ele atravessava a avenida como um fantasma. Apesar de jovem, era muito experiente. Tinha entrado cedo para o esquema; aos dez anos já dirigia. Tinha uma mente fabulosa para descobrir como os sistemas de segurança funcionavam. Ninguém de Obambo deveria ter acesso àquela tecnologia, era cara demais, só que lá estavam os melhores mecânicos, ou pelo menos os mais baratos, e aquela gente endinheirada adorava tirar vantagem quando podia. A ambição dos ricos alimentou todo o rolê de caras como o Zero. Praticamente todos os mecânicos do local estavam no esquema: Zero pegava informações sobre os carros com eles e mandava alguém para caçar. A maior parte dos caçadores não voltava, era abatida pelo caminho, mas Eliah era ligeiro demais. Seu talento ia além de desbloquear os carros. Ele era um gênio da fuga, um talento nato. Conseguia antecipar o percurso, encontrar atalhos, desviar das armadilhas. O cara era foda e sabia disso.

— Fala aê, Zero.

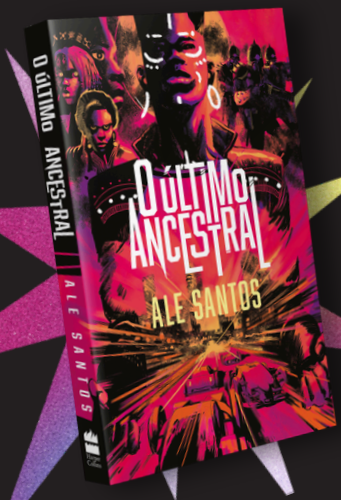
— Salve, meu parça.

— Depois desse vou querer uma folga.

— Não vem com essa pra cima de mim, irmão. Tá ligado, cê não consegue ficar longe dessa adrenalina. O negócio é sinistro que eu sei.

Eliah mutou seu microfone e gargalhou, sem deixar ooutro perceber que estava certo. Aumentou o volume dosom, sentiu o coração pulsar e rumou pela estrada sombria. Ele mantinha uma estranha relação de medo e respeito com Zero — a história de como o chefe construíra essa jogada era uma inspiração para os garotos da favela que sabiam não ter alternativa.

GARANTA SEU EXEMPLAR



O ÚLTIMO ANCESTRAL

AMAZON
SITE HARPERCOLLINS

A MALTA INDOMÁVEL

AMAZON
SITE HARPERCOLLINS

KIT COM BRINDES

SITE HARPERCOLLINS

O FUTURO TEM TERRITÓRIO: O PODER DO AFROFUTURISMO LATINO E AMAZÔNICO

Quando a imaginação do futuro nasce das florestas, dos rios e das encruzilhadas da diáspora negra na América Latina.

Enquanto o Afrofuturismo floresce na cultura pop global, impulsionado por obras como Pantera Negra, uma questão crucial se impõe: **estamos deixando de explorar as ricas e diversas nuances desse movimento fora do eixo norte-americano?**

O termo Afrofuturismo, cunhado pelo ensaísta Mark Dery no artigo "Black to the Future", na década de 1990, ganhou força principalmente a partir de produções como Pantera Negra. Essa popularização foi fundamental para inserir a cultura negra no imaginário futurista global. No entanto, é preciso reconhecer que essa visão inaugural parte de uma experiência negra muito específica — a dos Estados Unidos —, com suas próprias dinâmicas, mitologias, linguagens e formas de resistência.

Embora toda a diáspora africana compartilhe uma raiz comum forjada pela violência do tráfico transatlântico, essa experiência gerou desdobramentos culturais singulares em cada território. Na América Latina, e especialmente no Brasil (onde eu vivo), essas dinâmicas produziram expressões culturais, artísticas e espirituais profundamente enraizadas em contextos próprios — marcadas pela mistura, pelo sincretismo e pela resistência.

Aqui, a presença de povos iorubás, bantos e outros formou uma identidade negra que se expressa no Candomblé, na Umbanda, no Samba, no Funk, no Carnaval e nas próprias ruas das cidades. Diferente do modelo segregacionista dos EUA — estruturado por leis como a Jim Crow, que apartavam rigidamente as populações —, o Brasil produziu um modelo de opressão marcado pela mestiçagem forçada e pela violência simbólica, que, paradoxalmente, também gerou formas únicas de resistência, como os quilombos e uma intensa interpenetração cultural.

Essa realidade precisa ser lembrada e incorporada não apenas nas produções culturais, mas também no imaginário afrofuturista. A centralização das narrativas nos Estados Unidos — compreensível pela potência de sua indústria cultural — frequentemente invisibiliza as perspectivas da experiência negra latino-americana.

É impossível, por exemplo, pensar em uma estética futurista que inclua o Candombe sem que isso parta diretamente da comunidade negra do Uruguai. Assim como só quem vive o Samba, o Funk ou o Rap brasileiros pode imaginar futuros onde esses elementos sejam centrais na construção de tecnologias, mitologias e imaginário do futuro.

Foi exatamente esse movimento que me guiou ao escrever O Último Ancestral, uma das primeiras obras afrofuturistas publicadas por uma grande editora brasileira. Nela, signos culturais do Samba e do sincretismo religioso são peças fundamentais para dar vida a uma distopia onde convivem uma

Basílica de São Jorge e um Sambódromo — palcos de cenas de ação e resistência, onde os leitores se reconhecem e se projetam.

Se nos EUA a ficção científica olhou para o espaço sideral como símbolo de conquista e liberdade — especialmente durante a corrida espacial dos anos 60 —, na América Latina, foi a própria terra que se tornou palco de futuros alternativos. As florestas, os rios e as montanhas, que historicamente serviram de refúgio e resistência, passaram a ocupar esse lugar no imaginário.

Sun Ra, por exemplo, enxergava no cosmos um espaço de libertação espiritual e social para o povo negro — uma fuga literal e simbólica da opressão terrestre. Essa lógica fazia sentido dentro de um contexto norte-americano, onde muitos movimentos negros sonhavam não apenas com reparações, mas com a criação de territórios autônomos, ou até com a saída completa do território dos Estados Unidos.

Mas na América Latina, outro imaginário se formou. Aqui, a liberdade muitas vezes não esteve nas estrelas, mas nas matas fechadas, nos quilombos, nas montanhas e nos igarapés — territórios inóspitos para o colonizador, mas férteis para a reinvenção da vida.

É por isso que preservar nossas florestas, especialmente a Amazônia, carrega um simbolismo profundo. Mais do que um patrimônio ambiental, ela é também um patrimônio simbólico, um portal para futuros imaginados a partir do Sul Global. Na região Norte do Brasil, movimentos como o Amazofuturismo ou o Afrofuturismo amazônico já ganham força. Artistas, músicos e escritores constroem narrativas onde os rios e as florestas são protagonistas dos futuros possíveis.

Depois de três anos vivendo na região, percebo cada vez mais como certas estéticas da ficção científica — especialmente aquelas centradas na exploração espacial — podem reproduzir olhares

coloniais se não forem criticamente reelaboradas. Ao invés disso, a transmodernidade, conceito elaborado pelo filósofo Enrique Dussel, surge como uma chave para superar a hegemonia eurocêntrica e construir futuros plurais, enraizados nas multiplicidades do Sul Global.

Se criar ficção científica é um exercício de imaginar futuros, então o Afrofuturismo — movimento que reposiciona as experiências negras no centro desse imaginário — precisa ser capaz de integrar as vivências negras de todo o continente. Porque ser negro no Brasil, na Colômbia, no Uruguai ou na Venezuela é uma experiência única. Nosso futuro, assim como nosso passado, tem cor, tem som, tem cheiro, tem território. E é sobre ele que precisamos escrever.

ESTUDOS SOBRE O ÚLTIMO ANCESTRAL E O AFROFUTURISMO NACIONAL

📚 "CONVERSA COM ALE SANTOS: O ARQUITETO DE UNIVERSOS AFROFUTURISTAS" - Alves e Barth (2024)
https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/3321

📚 "Brazilian Afrofuturism, Heuristic Function, and the Mass Cultural Genre System" - Brock (2023)
https://sfrareview.org/2023/07/19/brazilian-afrofuturism-heuristic-function-and-the-mass-cultural-genre-system/

📚 "A denúncia dos aparelhos ideológicos coloniais através dos enunciados afrofuturistas em O último ancestral, de Ale Santos" - Celestino (2025)
https://www.scielo.br/j/bak/a/87cGFDQH4kbHfHY5wGn7Lnj/

📚 "Afrofuturismo e Tecnocorpos: uma leitura semiótico-discursiva de imagens geradas por IA na formação crítica" - Coradini e Gomes (2025)
https://ueadsl.textolivre.pro.br/index.php/UEADSL/article/view/1494

📚 "Liberdade e Cidadania na era algorítmica: desafios éticos, sociais e ambientais no século XXI" - Coradini e Gomes (2025)
https://ueadsl.textolivre.pro.br/index.php/UEADSL/article/view/1497

📚 "O último ancestral na encruzilhada: uma proposta de leitura do afrofuturismo brasileiro" - Denubila e Fonseca (2024)
https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/139350

📚 "Pensamento político como inscrição estética da literatura brasileira dos últimos dez anos" - Diniz (2025)
https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php?strSecao=resultado&nrSeq=71345&idi=1%20class=

📚 "Renovações e inovações na narrativa fantástica contemporânea" - G. Lima (2024)
https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/issue/download/2012/470

FAÇA PARTE

DO CANAL NO WHATSAPP

PARA MAIS NOVIDADES